



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

Análise da dinâmica do setor terciário na Zona Oeste carioca: o caso dos bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo (RJ).

Analysis of Dynamic of the Tertiary Sector in West Zone in Rio: the case of the neighborhoods of Bangu, Padre Miguel and Realengo (RJ).

Oliveira, Marta Rodrigues de; Mestranda em Geografia; Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

marodrigues06@hotmail.com

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo analisar as principais transformações ocorridas particularmente nos bairros contíguos de Bangu, Padre Miguel e Realengo, localizados na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro (RJ), de ordem social, político e econômico, além de expor e avaliar o dinamismo das atividades terciárias oferecidas no espaço urbano em destaque, uma vez que essa porção do espaço apresenta-se como uma possível nova centralidade surgida no cenário carioca no âmbito da descentralização das atividades comerciais e de serviços. A relevância da temática se justifica na medida em que a tradicional Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro (RJ) tem sido raramente pesquisada no campo da Geografia Urbana, particularmente quando se trata dos processos de reestruturação territorial e de centralização / descentralização das atividades comerciais e de serviços se comparada com as outras porções da urbe carioca.

Palavras-chave: Atividade terciária. Descentralização. Rio de Janeiro.

Abstract

This paper aims to analyze the main changes occurred particularly in the contiguous districts of Bangu, Padre Miguel and Realengo, located in the West Zone of the city of Rio de Janeiro (RJ), of social, political and economic order, as well as expose and evaluate the dynamism of tertiary activities offered in the urban space highlighted, since that portion of space is presented as a possible new centrality which appeared in the carioca scenery in the context of business activities and services decentralization. The relevance of the theme is justified that the traditional West Zone of the City of Rio de Janeiro (RJ) has been rarely studied in the field of urban geography, particularly when it comes to territorial restructuring and centralization / decentralization of business activities and services compared with other portions of the carioca city.

Keywords: Tertiary Activity. Decentralization. Rio de Janeiro

1 Introdução

Os bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo, tem sido poucos explorados nos estudos urbanos, em conjunto com o restante da porção espacial da chamada e tradicional Zona Oeste do Rio de Janeiro (RJ). Isto posto, o objetivo da pesquisa é identificar no espaço urbano em destaque, através das formas espaciais presentes, reflexo das mudanças ocorridas no passado e das que ocorrem no momento atual (CORRÊA, 1995), as principais transformações e o dinamismo comercial e de serviços, enfim, revelar a conformação geográfica dos referidos bairros, procurando justificar no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Cabe ressaltar que, a análise do mesmo se restringirá basicamente à atualidade. Para tanto, como embasamento, utiliza-se os conceitos de subcentro e / ou centro funcional e eixo comercial (DUARTE, 1974), e a definição de fixos e fluxos, forma, função, estrutura e processo, em Santos (1997, 2008), para uma apreensão e compreensão mais adequada da centralidade exercida por esse fragmento espacial no contexto carioca.

Nesta perspectiva, Mello (1997, p. 3) indaga:

o que difere um bairro residencial de um subcentro? Bairros de segmentos de diversos tipos de renda voltados especialmente para a questão da moradia possuem diversos prédios e casas e um tímido comércio no qual são supridos os bens e serviços mais freqüentes e que podem ser encontrados em estabelecimentos como padarias, açougues, farmácias, bares ou bancas de jornais ou nos consultórios médicos de clínica geral.[...] Parte do bairro evolui desse estágio de comércio e serviços incipientes para a condição de subcentro quando dispõe, entre outros fatores, de amenidades e uma ampla acessibilidade, por ser um ponto de concentração ou um eixo percorrido por pessoas do próprio bairro e das circunvizinhanças (que formarão a clientela e a área de influência do subcentro emergente).

Diante do exposto, torna-se relevante apresentar algumas características presentes nos citados bairros, a saber: o bairro de Bangu expõe um expressivo comércio de rua e um shopping center (subcentro planejado); Padre Miguel é um bairro predominantemente residencial, no entanto oferece a seus moradores e freqüentadores bens e serviços que vão além do consumo cotidiano como, por exemplo, óticas, lojas de móveis, joalheria, hospital e de estabelecimentos de nível superior; quanto ao bairro de Realengo, o mesmo exhibe um comércio característico, especializado em móveis, numerosas agências bancárias, além de concentrar as instalações da Escola Militar do Realengo. Dito isto, o trabalho terá como questão central: os bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo, sendo esses contíguos, podem ser considerados um novo espaço comercial unificado localizado na Zona Oeste carioca, ou seja, um eixo de centralidade, surgido no âmbito da descentralização das atividades terciárias, nessa porção do espaço urbano carioca? Busca-se responder tal questionamento no transcórre desta pesquisa.

Destarte, o presente artigo terá os seguintes segmentos: a primeira parte abordará o processo de centralização das atividades comerciais e de serviços na Cidade do Rio de Janeiro (RJ), sua posterior descentralização e o conseqüente surgimento dos subcentros e / ou centros funcionais e, da mesma maneira, dos eixos comerciais. A segunda parte versará sobre a centralidade exercida pela

porção espacial compreendida pelos bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo em suas adjacências e seu respectivo alcance espacial na urbe carioca.

2 Centralização e Descentralização das atividades comerciais e de serviços do Rio de Janeiro: surgimento dos subcentros

O Rio de Janeiro (RJ), no século XIX, mostrava-se como uma cidade de certa forma acanhada, na qual todos ocupavam e viviam em uma porção exígua da urbe carioca, sendo a distinção entre a elite e os demais, pela forma e aparência de suas roupas e moradias. Com a chegada da Família Real, em 1808, mudanças significativas, de cunho social, econômico, político e ideológico ocorreram no Rio de Janeiro, por tratar-se de uma nova classe social anteriormente pouco presente nesta capital. No decorrer do século XIX, a independência política e a riqueza do café fizeram com que a capital nacional se desenvolvesse economicamente, sendo, portanto, um ponto de atração de trabalhadores brasileiros e estrangeiros. Como resultado, o Rio de Janeiro transformou-se, passando de uma cidade colonial para capitalista (ABREU, 1997). Em meados do século XIX, mesmo com o advento do bonde de burro e do trem a vapor, a população ainda concentrava-se na Área Central da cidade e, igualmente, as atividades terciárias e serviços. Nas palavras de Kossmann e Ribeiro (1984, p. 198),

no caso específico do Rio de Janeiro, o centro da cidade, na segunda metade do século XIX, se caracterizava pela centralização do comércio e serviços. Com efeito, o enriquecimento da nobreza oriunda da cafeicultura, a ascensão da classe média e o início das primeiras indústrias são o epicentro das transformações porque passa o espaço carioca nesta época: a cidade deixa de ser colonial e se transforma em capitalista, enquanto o centro se impõe como foco do mercado de massa.

A centralidade exercida por esta área está diretamente relacionada com o fácil acesso do consumidor e a concentração das atividades terciárias, portanto a estrutura urbana do Rio de Janeiro, no período, propiciava tal centralidade. Concomitantemente, é válido salientar, o conceito de centralidade está atrelado não apenas aos fixos, mas, ao mesmo tempo, aos fluxos de toda a ordem e às articulações entre os locais no espaço urbano carioca. Assim como ocorreu o processo de centralização das atividades comerciais, serviços e de gestão, a partir das primeiras décadas do século XX, verificou-se o efeito inverso, denominado descentralização, no qual essas atividades, antes centralizadas, são transferidas para locais fora da Área Central. Segundo Corrêa (1995, p. 45),

historicamente o processo de descentralização é mais recente que o de centralização. Aparece em razão de vários fatores. De um lado, como uma medida das empresas visando eliminar as deseconomias geradas pela excessiva centralização na Área Central. De outro, resulta de uma menor rigidez locacional no âmbito da cidade, em razão do aparecimento de fatores de atração em áreas não centrais.

Corrêa (1995, p. 45-46), citando Colby, determina alguns fatores que justificariam a repulsão da Área Central;

- (a) aumento constante do preço da terra, impostos e aluguéis, afetando certas atividades que perdem a capacidade de se manterem localizadas na Área Central;
- (b) congestionamento e alto custo do sistema de transporte e comunicações, que dificulta e onera as interações entre firmas;
- (c) dificuldade de obtenção de espaço para a expansão, que afeta particularmente as indústrias em crescimento;
- (d) restrições legais implicando a ausência de controle do espaço, limitando, portanto, a ação de firmas;
- (e) ausência ou perda de amenidades.

Quanto aos fatores de atração em áreas não centrais, Corrêa (1995, p. 46) destaca:

- (a) terras não ocupadas, a baixo preço e impostos;
- (b) infra-estrutura implantada;
- (c) facilidades de transporte;
- (d) qualidades atrativas do sítio, como topografia e drenagem;
- (e) possibilidade de controle do uso das terras;
- (f) amenidades.

Não obstante, o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro está diretamente relacionada à função exercida de capital administrativa e econômica do País e, também, ao crescimento demográfico (população urbana) identificado no decorrer do século XIX (SANTOS, 1993). Esse crescimento populacional resultou em uma significativa urbanização e expansão do espaço construído além dos limites da Área Central, aumentando a distância entre as áreas residenciais e a área central / comercial, na qual concentravam-se os bens e serviços centrais como, por exemplo, comércio de luxo, serviços profissionais, atividades financeiras, entre outros. Antes do processo de descentralização, os bairros periféricos desempenhavam apenas a função residencial, com estabelecimentos comerciais de primeira necessidade para a sua população, como, por exemplo, padarias, açougues, farmácia. A partir de 1920, acentuando-se após a Segunda Guerra Mundial, verificou-se um crescimento espacial de forma descentralizada que, de certa maneira, possibilitou o surgimento de atividades comerciais e de serviços inexistentes nesses bairros localizados distantes da Área Central. De acordo com Corrêa (1995, p. 46),

a descentralização está também associada ao crescimento da cidade, tanto em termos demográficos como espaciais, ampliando as distâncias entre a Área Central e as novas áreas residenciais: a competição pelo mercado consumidor, por exemplo, leva as firmas comerciais a descentralizarem

seus pontos de venda através da criação de filiais nos bairros. É necessário, no entanto, que haja um mercado que justifique cada localização, bem como acessibilidade às filiais. A competição entre firmas comerciais pressupunha anteriormente uma localização central; agora, adicionalmente, várias localizações descentralizadas.

Concomitantemente, torna-se válido salientar que, o Centro do Rio de Janeiro, não perde a sua posição central quanto à comercialização de bens e serviços, com o surgimento dos núcleos secundários, mas, além de centro comercial e de serviços, apresenta-se como um centro especializado, ou seja, uma Área Central de Negócios. Conforme Corrêa (1995, p. 44),

a tendência da Área Central, especialmente do núcleo central, é a de sua redefinição funcional, tornando-se o foco principal das atividades de gestão e de escritórios de serviços especializados, enquanto o comércio varejista e certos serviços encontram-se dispersos pela cidade. Questiona-se então até que o ponto a Área Central não é uma herança do passado, não sendo mais inteiramente necessária para o capitalismo em sua fase atual.

Portanto, os fatores que contribuíram para a descentralização das atividades terciárias e dos serviços estão diretamente relacionados ao crescimento populacional que resultou na expansão do espaço construído e, no alongamento das distâncias entre as áreas residenciais e o centro de atividades, o aumento do número de veículos e tráfego mais congestionado, que dificultava a convergência da população para a Área central e, igualmente, a ampliação do mercado consumidor nos bairros. Assim, a população necessita de infra-estrutura comercial que supra as suas necessidades e desejos de consumir, fazendo com que haja uma concentração dessas atividades fora da Área Central, levando a dispersão da centralidade pelo espaço urbano. Nesse contexto que surge os subcentros, centros funcionais e / ou núcleos secundários (CORRÊA, 1995).

Em prosseguimento, utiliza-se a revisão conceitual de centro funcional em Duarte (1974), que define com clareza as características necessárias para que um bairro ou uma localidade seja considerado como um núcleo secundário e / ou subcentro, ou ainda, eixo comercial. De acordo com Duarte (1974, p. 55-56),

o centro-funcional organiza-se a fim de oferecer a um espaço a ele ligado, por meios de circulação mais eficientes, os serviços indispensáveis à vida cotidiana, fornecendo a este espaço não só os elementos essenciais à subsistência de sua população, mas também outros bens de consumo de caráter mais especializado, assim como serviços médicos, educação, recreação e outros. Ele organiza, desse modo, sua área de influência. Assim é que o grau de desenvolvimento de um núcleo central traduz-se, na realidade, pelo campo de forças que exerce sobre as áreas circunvizinhas que gravitam em torno dele.

O conceito de centro funcional sugere a presença de equipamentos terciários, que centralizados em um determinado local exerçam intenso poder de atração.

Sendo assim, a comercialização de bens e o oferecimento de serviços de primeira necessidade como, por exemplo, padarias, armarinhos, farmácias, não são suficientes para que um determinado bairro seja caracterizado como centro funcional, por mais que esse tipo de atividade comercial também esteja presente nos subcentros, na medida em que apresentam alcance espacial limitado (DUARTE, 1974). Para tanto, faz-se necessário que coexistam num mesmo local, conforme salienta Duarte (1974, p. 59),

- 1.º) atividade comercial que se caracteriza por sua multiplicidade e especialização. A qualidade dos produtos é relativa, uma vez que está intimamente relacionada como padrão socioeconômico da população. Nem todos os gêneros varejistas são característicos de subcentros. Estes caracterizam-se pelo predomínio do comércio de consumo freqüente e pouco freqüente;
- 2.º) serviço financeiro, onde a presença de bancos garanta seu poder econômico. A presença de agências de financiamento e investimentos é outro elemento importante;
- 3.º) serviços profissionais superiores caracterizados pela existências de consultórios médicos, laboratórios de análises clínicas, escritórios de advocacia, contabilidade e outros;
- 4.º) serviço cultural e recreativo, que confere ao centro forte poder de atração;
- 5.º) transporte e comunicação, pois sendo a área bem servida de meios de transporte e possuindo facilidade de acesso, garante para si importante área de mercado.

Podem-se citar alguns exemplos de comércio (varejista) e de serviços presentes nos subcentros. Quanto ao comércio especializado, podem-se mencionar: eletrodomésticos, óticas, livrarias; serviços financeiros como, por exemplo, agências bancárias e de financiamento; serviços profissionais superiores como consultórios médicos, escritórios de advocacia e contabilidade; serviços de transporte como pontos terminais de transporte rodoviário urbano e serviços de divulgação, cultura e de recreação como, por exemplo, estabelecimentos de diversão e cursos especializados (DUARTE, 1974).

Ao considerar a freqüência de consumo com os gêneros de produtos de venda, é possível determinar, de acordo com Duarte (1974, p. 65),

- 1) – comércio de consumo cotidiano, ou seja, lojas de venda de produtos de primeira necessidade: açougues, armazéns, peixarias etc;
- 2) – comércio de consumo freqüente: tecidos, roupas, calçados, drogarias e perfumarias etc, representado por lojas que podem ou não ser especializadas, de luxo ou populares, cujo padrão vai estar na dependência do poder aquisitivo da população da área do mercado;
- 3) – comércio de consumo pouco freqüente: eletrodomésticos, óticas, relojoarias, joalherias, móveis e decorações etc.;

- 4) – comércio de consumo raro: material de precisão, material cirúrgico, máquinas especializadas para agricultura, indústria e comércio, instrumentos musicais etc.

Logo, as quatro categorias de comércio referidas acima apresentam localização conveniente, onde o comércio de consumo cotidiano distribui-se em todos os agrupamentos, dito comércio de bairro, enquanto que o comércio de consumo raro localiza-se, primordialmente na Área Central e o comércio de consumo freqüente e pouco freqüente, ainda que, igualmente, sejam próprios da Área Central de Negócios, irão caracterizar os centros funcionais. É importante salientar que o Centro da cidade sempre sustentará o seu poder de gestão e, ao mesmo tempo, de ser o principal mercado de trabalho do Rio de Janeiro. As pessoas que se dirigem ao Centro para trabalhar aproveitam para realizar suas compras, mesmo que residam nas proximidades de um subcentro consolidado. Quanto as pessoas que não têm a necessidade de se deslocar ao Centro para trabalhar, realizam suas compras nos centros funcionais, próximos a sua residência, devido a comodidade (DUARTE, 1974).

Um outro tópico a ser avaliado é a relação tempo X distância que está intimamente ligado aos níveis de comércio. Para compras de produtos de primeira necessidade o deslocamento populacional é mais limitado, pois adquirirão os produtos no próprio bairro. Os produtos de consumo freqüente e pouco freqüente são adquiridos ao se deslocarem a distâncias consideráveis. Cabe ressaltar que o tempo é um fator importante, pois determinados subcentros, mesmo mais distantes, todavia com um melhor acesso, adquirirão mais importância dentro de uma imensa área, devido à economia de tempo. Quanto à compra de produtos de consumo raro o consumidor deve se deslocar a longas distâncias, normalmente à Área Central. Conseqüentemente, a quantidade, a variedade e qualidade das mercadorias comercializadas e de serviços oferecidos nos centros funcionais, estão inteiramente relacionados aos fluxos de pessoas que para ele convergem e, ao mesmo tempo, as condições socioeconômicas da população local, sendo assim uma maneira para hierarquizar os subcentros (DUARTE, 1974).

Duarte (1974, p. 84), em sua pesquisa, procurou hierarquizar os centros funcionais, por intermédio da localização nesses centros de 20 funções (produtos comercializados e serviços oferecidos) ligadas ao consumo pouco freqüente e, no término da mesma, considerou três categorias de centros;

- a) centros funcionais de primeira categoria ou centros equipados, que totalizam mais de 12 funções;
- b) centros funcionais de segunda categoria ou centro subequipados que totalizam de 8 a 12 funções. São centros que, dispendo de várias funções centrais, estas ainda são incompletas;
- c) centros funcionais de terceira categoria ou centros não equipados que totalizam de 4 a 7 funções. São centros que, em geral, surgiram próximos aos centros funcionais de hierarquia superior, atuando como complemento deles, localizando-se, portanto, dentro de suas respectivas áreas de influência.

Ainda de acordo com Duarte (1974, p. 84),

aqueles que apresentam menos de quatro funções quanto ao consumo pouco freqüente não podem ser considerados centros funcionais, tratam-se de núcleos que dispõem de uma complexidade maior do que a de um simples comércio de bairro, mas cujas funções de caráter ainda bastante incompleto não são suficientes para categorizá-los como centros funcionais.

Uma outra questão a ser avaliada está relacionada à área de influência dos centros funcionais. Para Duarte (1974), uma gama de fatores determinaria a atração exercida pelos centros funcionais em relação à área a um outro centro pertencente. Depende, igualmente, da existência ou não de outro centro localizado na área geográfica e, ao mesmo tempo, em relação ao Centro da cidade e dos meios de transportes que conectam o centro funcional a outros locais da cidade. Não podemos deixar de considerar, da mesma forma, o padrão econômico da população por este ou aquele centro (DUARTE, 1974).

Segundo Duarte (1974), existe uma outra forma de centralidade presente na cidade, o eixo comercial, processo esse que estaria associado com a descentralização das atividades terciárias e, conseqüentemente surgimento de outras centralidades. Assim, para Duarte (1974, p. 86), os eixos comerciais são:

[...] ruas ou avenidas que, por constituírem importantes vias de acesso aos principais bairros, a circulação nelas concentrada provoca intenso movimento diário de pessoas que se desloca de um ponto a outro da cidade, atraindo para si lojas comerciais importantes.

Para Sposito (1991), em desacordo com a associação feita por Duarte (1974), o surgimento dos eixos comerciais, ao contrário dos subcentros, não está associado à expansão do Centro, mas sim, de um processo de “desdobramento da área central”, uma vez que não são contínuos ao Centro principal ou aos subcentros. Apresentam atividades comerciais específicas, tradicionalmente centrais, além da seleção do público alvo a ser atingido com a especialização da referida área.

Destarte, considerando a explanação acerca das definições de centro funcional e / ou subcentro e, da mesma maneira, eixo comercial, a próxima seção tratará da dinâmica das atividades terciárias e a centralidade exercida pela porção espacial compreendida pelos bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo, para a população residente e transeunte, bairros circunvizinhos e, concomitantemente, o seu alcance espacial na urbe carioca.

3 A dinâmica comercial e de serviços nos bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo

Os bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo, como anteriormente mencionado, apresentam-se contíguos e se localizam na Zona Oeste carioca, mas que apresentam características diferenciadas em relação a presença de atividades comerciais e de serviços. O bairro de Bangu oferece a seus moradores e

transeuntes um expressivo comércio de rua, um Shopping Center (Centro Planejado), apresenta estabelecimentos de ensino, abrangendo desde a educação básica a educação superior, unidades hospitalares, serviços especializados como, por exemplo, consultórios médicos, laboratórios de análises clínicas, escritórios de advocacia e contabilidade, entre outros, serviços financeiros como, por exemplo, agências bancárias, de financiamento e investimentos; serviços culturais e recreativos como, por exemplo, cinema, teatro, casas de show e eventos, clube, estádio de futebol, restaurantes, pizzarias, bares, entre outros; serviços de transporte e comunicação, com terminais rodoviários e linha férrea que estende aos bairros supracitados. Assim, o bairro de Bangu exprime um comércio e serviços já consolidados na urbe carioca. O Bairro de Padre Miguel exhibe um comércio característico, oferecendo aos moradores e frequentadores bens de consumo cotidiano, frequente e pouco frequente, além de serviços diversos. O Bairro de Realengo apresenta um comércio característico, especializado em móveis, numerosas agências bancárias, estabelecimentos de ensino básico e superior, serviços culturais, recreativos, unidades hospitalares, serviços especializados, além de concentrar as instalações da Escola Militar do Realengo.

Ao considerar o exposto nas páginas anteriores e, da mesma maneira, nesta seção, os conceitos e definições explanados acerca das transformações ocorridas no espaço urbano carioca, de ordem econômica, social e política, torna-se válido se apropriar dos mesmos para uma melhor compreensão das mudanças, principalmente de cunho econômico, que aconteceram e continuam ocorrendo no espaço urbano em destaque. Nas palavras de Corrêa (1995, p. 8) “o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente”. Portanto, as formas espaciais presentes no mencionado recorte espacial, hoje, decorrem das ações ocorridas no passado aliadas aos empreendimentos da atualidade. Sendo assim, ao analisar a definição em Duarte (1974) de centros funcionais e correlacionando-a a centralidade exercida por esse recorte espacial, podemos questionar se o seu alcance espacial (IBGE, 1987), considerando a presença de um comércio e serviços peculiar e de formas geográficas contrastantes como, por exemplo, o Shopping Bangu, o Estádio Proletário Guilherme da Silveira, Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, Escola Militar do Realengo, entre outros, estende-se além de sua área de abrangência, ou seja, seu entorno? Haveria um contingente populacional, que resida além dos limites territoriais de Bangu, Padre Miguel e Realengo que se dirigiria, diariamente, para estudar nos estabelecimentos de Ensino Superior? Ou ainda, se deslocar, à distâncias consideráveis, para sepultar seus entes queridos no Cemitério Murundu? Mais de que isso, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, com a força extraordinária de sua marca cultural atrai desfilantes e curiosos, não apenas do próprio bairro como também do Rio de Janeiro, do Brasil e até mesmo estrangeiros.

É notório como a porção espacial compreendida por Bangu, Padre Miguel e Realengo apresenta uma dinâmica comercial expressiva na Zona Oeste carioca, especificamente, nas vias que atravessam os citados bairros, a saber, Avenida de Santa Cruz, Avenida Marechal Fontineli e Rua Francisco Real. Portanto, avaliando o que anteriormente foi explanado, essas vias de suma importância para a circulação na localidade poderiam ser consideradas eixos de centralidade na Zona Oeste do Rio de Janeiro, ou ainda, são cercanias que apresentam uso residencial e comercial que estabelecem relações de complementaridade, quer nas funções a

desempenhar, quer nas infra-estruturas e equipamentos a construir? Sabe-se, efetivamente, que a complementaridade é uma forma de aumentar a diversidade de funções existentes e ao mesmo tempo impulsionar o consumo de serviços, a cooperação empresarial e a infraestruturização em geral.

Sendo assim, deixa-se como reflexão a premissa de Duarte (1974, p. 73-74) que define com clareza os centros funcionais, na medida em que

uma pergunta que se levanta: será que a simples quantidade de estabelecimentos comerciais concentrados em um determinado ponto consiste, em verdade, num dado para individualizar cada centro funcional dentro do complexo urbano, mas que em si não é suficiente para um estudo estrutural dos mesmos, nem muito menos para uma hierarquização. Se assim não fosse, vários pontos do comércio concentrado, quer ao redor de um núcleo quer ao longo de um eixo de circulação, seriam considerados subcentros. A definição de centro funcional implica um conjunto de funções integradas que permitam a realização de certos tipos de negócios sem grandes deslocamentos, não obstante a subordinação dos mesmos ao grande centro de negócios. A organização do comércio é, sem dúvida, o elemento capital na definição de um centro funcional ao lado do qual progride uma atividade financeira, assim como estimula a implantação de serviços. [...] Considera-se como centro funcional todo núcleo que, dispondo de uma atividade comercial importante e de um setor de serviços desenvolvido, seja capaz de atender não apenas às necessidades locais senão também servir à população residente na área circunvizinha.

4 Considerações Finais

O recorte espacial compreendido pelos bairros de Bangu, Padre Miguel e Realengo, localizados na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro (RJ), apresenta-se com um significativo comércio e, da mesma maneira, fornece serviços dos mais especializados, usufruídos pela população residente, circunvizinha e transeuntes. Todavia há uma série de características intrínsecas aos centros funcionais que os referidos bairros, como também outras localidades, devem apresentar para enquadrar-se como tal. Destarte, torna-se indispensável, estudos mais aprofundados acerca da temática e da condição desses, em relação ao seu comércio e serviços oferecidos, utilizando, conseqüentemente, métodos como, por exemplo, mapear os estabelecimentos comerciais e de serviços situados na área, aplicação de questionários, para assim delinear a sua área de influência, bem como o seu alcance espacial, justificando, ou não, a sua consolidação como um eixo de centralidade na urbe carioca. Cabe ressaltar que, a presente pesquisa encontra-se em seu estágio inicial e, portanto, não dispõe de resultados quanto aos questionamentos anteriormente expostos.

5 Referências

ABREU, M. Evolução urbana do Rio de Janeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Iplanrio, 1997.

CORRÊA, R.L. O Espaço urbano. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

DUARTE, H. S. B. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. In: Revista brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, 1974, p. 53-96.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Regiões de influência das cidades. Rio de Janeiro, 1987.

KOSSMANN, H. T; RIBEIRO, M. A. C. Análise espacial das cadeias de lojas do comércio varejista no Rio de Janeiro. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, 1984, p.197-219.

MELLO, J.B.F. de. Explosões de centralidade no Rio de Janeiro. In: Revista GEO UERJ, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, 1997, p. 51-64.

SANTOS, M. A Urbanização brasileira. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

_____. Espaço e Método. 4. ed. São Paulo: Editora Nobel, 1997.

_____. Metamorfoses do espaço habitado. 6. ed. São Paulo: Editora Edusp, 2008.

SPOSITO, M.E.B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. Revista de Geografia, São Paulo, v.10, 1991, p. 1-18.